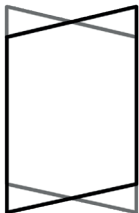
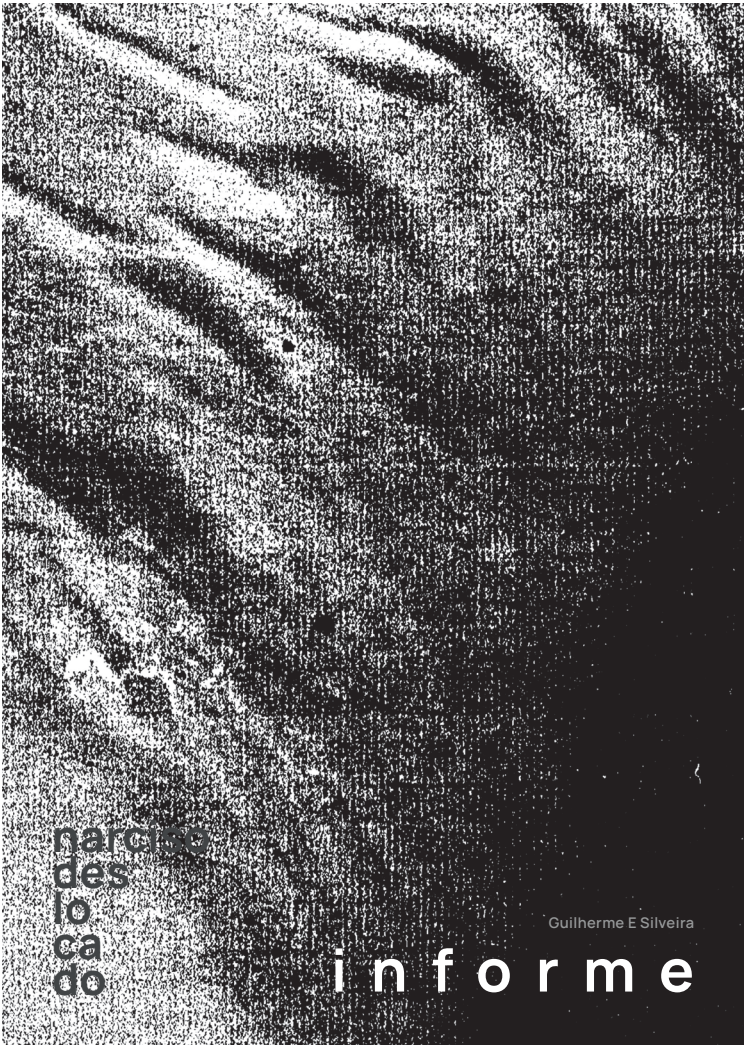


NARCISO DESLOCADO: INFORME

pensamento quadrinhizante: o livro como percurso



NARCISO DESLOCADO: INFORME

pensamento quadrinhizante: o livro como percurso

é parte integrante da tese “Espaço rompido”,
de Guilherme E Silveira

Programa de Arte e Cultura Visual da UFG

Linha: Poéticas artísticas e processos de criação.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco

Goiânia

2022

sumário

1. NARCISO DESLOCADO: INFORME..... 5

1.1. PERSEGUIÇÕES: PENSAMENTO QUADRINHIZANTE 5

1.2. NARCISSUS NARKISSOS NARCISSE NARCISO: ADENTRAR AS IMAGENS, PERDER-SE NO VER 10

1.3. DESLOCANDO “NARCISSE”: LIVRO COMO PERCURSO .. 11

1.4. DESLOCANDO O CORPO: CAMINHANDO 15

1.5. CAIXAS, FANTASIAS E PAREDES 23

1.5.1. Uma notável reviravolta 26

1.6. OS VÁRIOS NARCISOS 30

NOTAS 38

REFERÊNCIAS 39

LISTA DE FIGURAS 40

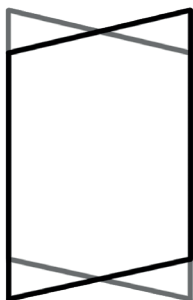




Fig.1: "Narcisse - Gesto III", 1986. Hudinilson Jr.

1. NARCISO DESLOCADO: INFORME

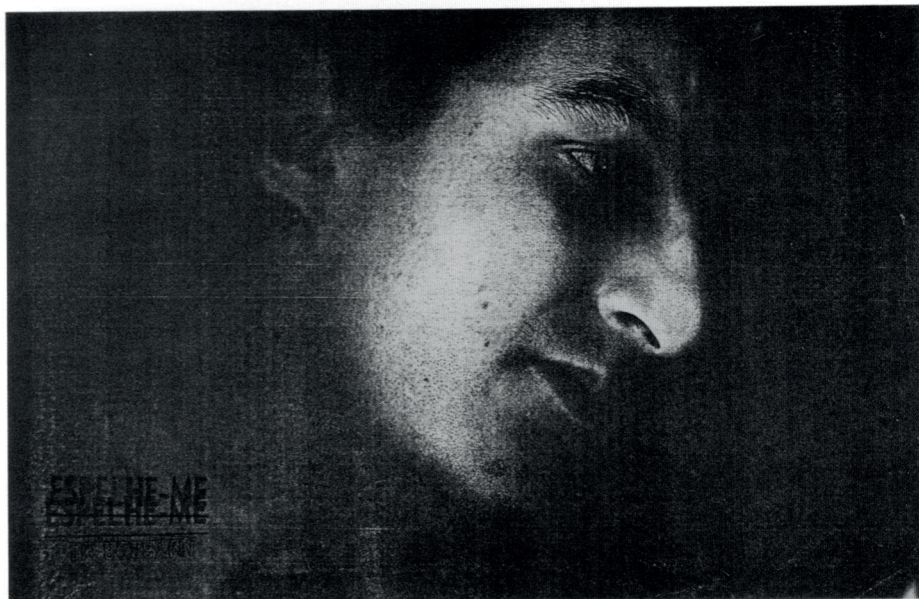
"Deixo oculto o que precisa ser oculto e precisa irradiar-se
em segredo"
(Clarice Lispector)

1.1. PERSEGUIÇÕES: PENSAMENTO QUADRINHIZANTE

Algumas imagens me perseguem. Imagens que nos marcam costumam voltar ora ou outra, sem avisar, como *déjà vu* visuais; retornam sensações fortes que mexem com o corpo. Não acontece com uma ou duas, mas com uma série de imagens de diferentes origens, enquanto ainda temos capacidade de afeto, nos arroubam sem avisar. Dentre elas, as imagens de Hudnilson Jr. constantemente me retornam, estão sempre rondando. "Narcisse" (Fig.1), "Espelho-me" (Fig.3), "Fragmentação" (Fig.3) ou "Exercícios de me ver" (Fig.4). O artista com suas xerox-performances explora o seu corpo, o erótico, traz à visibilidade uma intimidade explícita.

Eu também persigo algumas imagens. Olho muitas a partir de um olhar quadrinhizante. Não imponho a elas um posicionamento sobre o fato, mas sempre que as encontro não contendo o pensamento: isso é quadrinho. Bem, "isso" não é quadrinho, fato bastante concreto, mas há em muitos trabalhos das artes visuais – ou outras linguagens contemporâneas – esse elemento de fragmentação, seriação, catalogação, decomposição e outras relações de montagem que podem dialogar com os quadrinhos. Esses aspectos, apontados por Thierry Groensteen (2011) como aspectos infranarrativos dos quadrinhos, abrem uma comunicação direta com trabalhos visuais que, ainda mais comumente do que os quadrinhos, colocam imagens em contaminação sem finalidades estritamente narrativas.

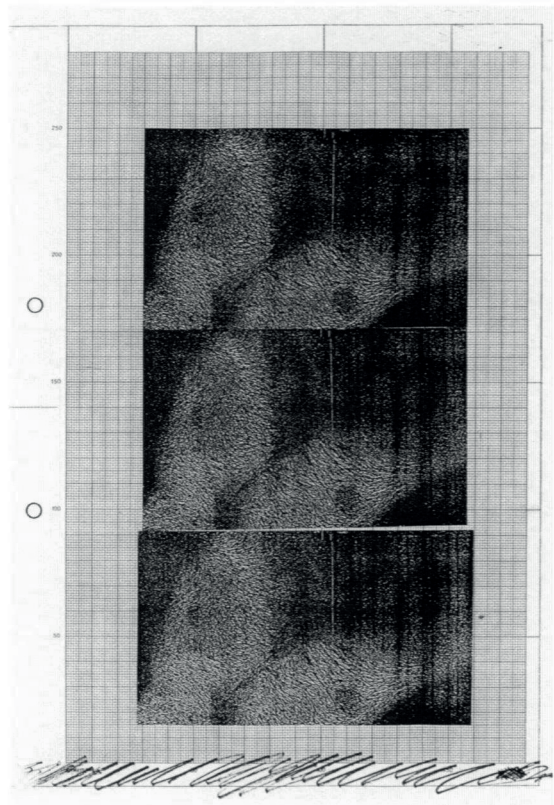
Quando Sebastien Conard (2020) fala dos quadrinhos como um "modo", – que se destaca em obras que o autor chama de Pós-quadrinhos – entendo que ele aponta para esse mesmo caminho de um pensamento quadrinhizante.



*Fig.2: "Espelhe-me",
s/d. Hudinilson Jr.*



*Fig.3: "Fragmentação", 1980.
Hudinilson Jr.*



*Fig.4: "Exercício de me ver IV", 1981.
Hudinilson Jr.*



Fig. 5: "A viagem", 1966. Ana Maria Maiolino.



Fig. 6: "American Death: Bamboo!", 1967. Antonio Dias.



Fig. 7: "Gibi", 1971. Raymundo Colares.

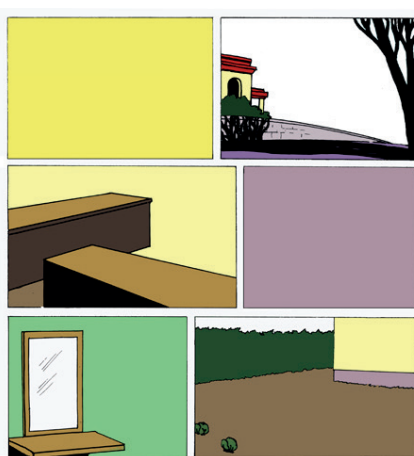
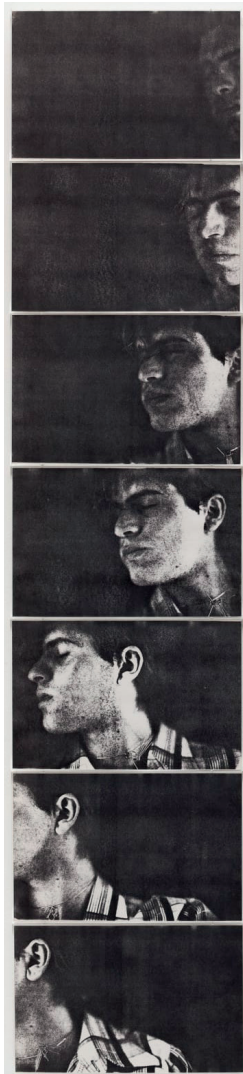


Fig. 8: "Zé Carioca n4, A volta de Zé Carioca (1960)", 2004. Rivane Neuenschwander.

Fig. 9: "SPUK", 2004. Niklaus Ruegg.



O autor fala dos quadrinhos como “uma ferramenta para reflexão artística, para projetos interativos, para notação, planificação e assim por diante. Como modo, presta-se a propósitos que vão além da ficção ou do documentário.” (CONARD, 2020, p.13. Trad. nossa)¹. Ele deixa aberto o alcance desse pensamento, não o restringe na montagem, ainda que essa seja a que comumente me desperte para a “perseguição” de certas imagens. Boa parte das obras que destaco aqui são das décadas de 1960 e 1970, as mais evidentes por usarem diretamente elementos dos quadrinhos, estão ligadas ao chamado “pop brasileiro”, que de maneira consciente buscava conexões com culturas populares e de massa no movimento de expansão do campo das artes.

A “noção de vanguarda encontrava-se em disputa. Postura crítica da arte concreta e neoconcreta (1952-1961) em relação à pintura e à escultura parecia abrir caminho para uma multiplicidade de linguagens, materiais e procedimentos que caracterizaria as produções subseqüentes. (...) De maneira geral, os trabalhos rebatem distinções entre cultura popular e erudita, “bom” e “mau” gosto. Apropriam-se das coisas do entorno imediato, reproduzem ou transfiguram cenas corriqueiras (das ruas, da intimidade) e imagens em circulação nos jornais, nas revistas, na TV, na publicidade e nas histórias em quadrinhos (RIBEIRO, 2017, P.24).

Em parte dessas obras os quadrinhos aparecem como partícula da cultura popular, abrindo as conexões entre a arte e as imagens de massa. Ainda assim, muitas vezes, sinto em algumas dessas obras uma força quadrinhizante, como pessoalmente me despertam “A viagem” (Fig.5), 1966, de Anna Maria Maiolino e “American Death: Bamboo!” (Fig.6), 1967, de Antonio Dias.

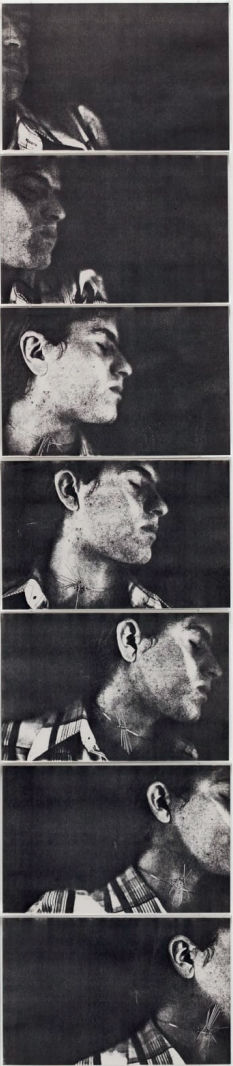


Fig.10:
“Espelho
Invertido”,
1979. Mario
Ramiro.

Somam-se a esses trabalhos, “Gibi” (Fig.7), 1971, de Raymundo Colares, as apropriações e apagamentos de Rivane Neuenschwander (Fig.8) e Niklaus Ruegg (Fig.9), ou o trabalho fotográfico de Mário Ramiro (Fig.10), assim como o já citado Hudinilson Jr.

1.2. NARCISSUS NARKISSOS NARCISSE NARCISO: ADENTRAR AS IMAGENS, PERDER-SE NO VER

Especificamente a obra “Narcisse – Gesto IV”, 1986, de Hudinilson Jr., é um trabalho que vem queimando em mim desde a graduação em Bauru; uma imagem que recorrentemente surge, seja nas reproduções ou em exposições coletivas, sempre reaparece e nunca deixa de me movimentar. A amplitude de “Narcisse – Gesto IV” impacta: um mural de aproximadamente 180x115cm composto por 32 folhas, cada uma com um fragmento da imagem do tronco do artista, em uma ampliação xerográfica que destaca as marcas do corpo por um lado e as marcas gráficas próprias do xerox por outro. A imagem ampliada e fragmentada interrompe o fluxo visual em imagens que são próximas à abstração quando observadas individualmente, enquanto no todo se tornam uma imagem monumental de Hudinilson Jr., em uma ruptura que só intensifica. Um detalhe incômodo é o deslocamento da trigésima folha/quadro para fora do conjunto, ampliando a tensão expressa pela obra.

O trabalho de Hudinilson Jr. parte de uma intensa relação com a máquina copiadora. “(...) Experiência e erro / Depuração / A velocidade é contemporânea / O contato é íntimo / O espelho imediato de Narciso” (HUDINILSON JR, 1986, in: RESENDE, 2016, p.194), esse trecho retirado dos diários de Hudinilson introduz sua proposta de arte-xerox, uma proposta errática de investigação do eu. Em sua série “Narcisse”, que se desdobra por anos em diferentes formatos, o autor explorou a máquina copiadora das mais diversas formas, em ações que se aproximavam da performance, ele criava uma relação íntima, erótica,

com a máquina. As imagens que dali surgiam eram trabalhadas com ampliações, reduções, cortes e novas cópias. Ricardo Resende afirma sobre o fazer de Hudinilson: “Ampliando os detalhes do detalhe, retalhando ainda mais, para depois ampliá-los novamente, e assim por diante, até aumentar de modo descomunal o que restava de uma imagem – privilegiando os poros, a textura, os fios de cabelo e as reentrâncias do seu corpo. De tanto ampliar, chegou próximo do abstrato, da textura pura. Dizia que esse exercício era um perder-se no ver” (p.195-196, 2016). “Perder-se no ver”, essa é uma experiência cheia de potência, não se preocupar com a união do todo, mas focar a atenção em uma busca míope, uma busca dos mínimos, dos espaços secretos, do corpo que não se vê mais corpo.

1.3. DESLOCANDO “NARCISSE”: LIVRO COMO PERCURSO

“Esqueci de lembrar de pensar que todo penso é torto”
(Di Melo)

A partir da obra de Hudinilson Jr., em que a força quadrinhizante opera a tensão de fragmento entre abstrato e figurativo, busquei fazer alguns experimentos para trazer efetivamente aos quadrinhos essa experiência de “perder-se no ver”. O pensamento quadrinhizante torna porosa a fronteira entre a arte xerox e a HQ, e implica ao mesmo tempo na postura de um não pertencimento da produção poética (GARRAMUÑO, 2014).

A ideia se fazia presente enquanto eu compilava alguns materiais visuais e realizava leituras sobre a obra de Hudinilson Jr. Nesse período iniciei os trabalhos no programa “A Zero” de residência artística voltada para o pensamento e a criação de publicações de artista, de julho a setembro de 2021 – organizado pela editora Medusa. As mediações de Amir Cadôr, diálogos com outros participantes e oficinas realizadas durante a residência ajudaram a aprofundar as relações entre os quadrinhos e a publicação de artista. Foi durante a residência que desenvolvi alguns exercícios e trabalhos explorando esse diálogo com “Narcisse”.



Fig.11: "Narciso Deslocado: autorretrato", 2021. Capa.

Fig.12: "Narciso Deslocado: espelho", 2021. Capa.

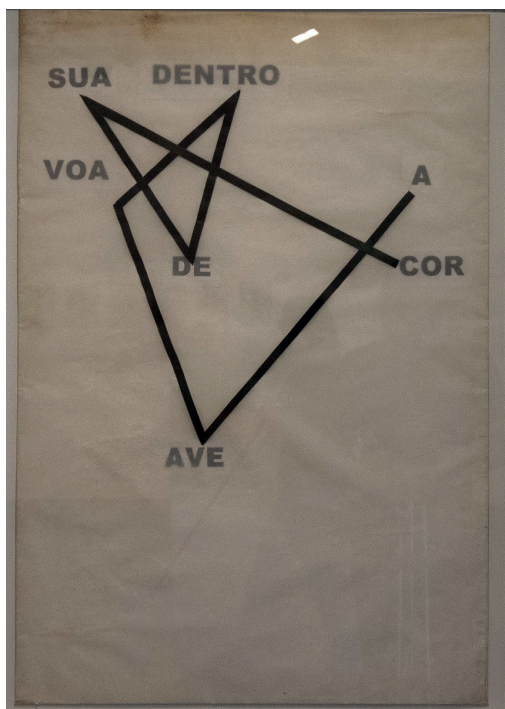
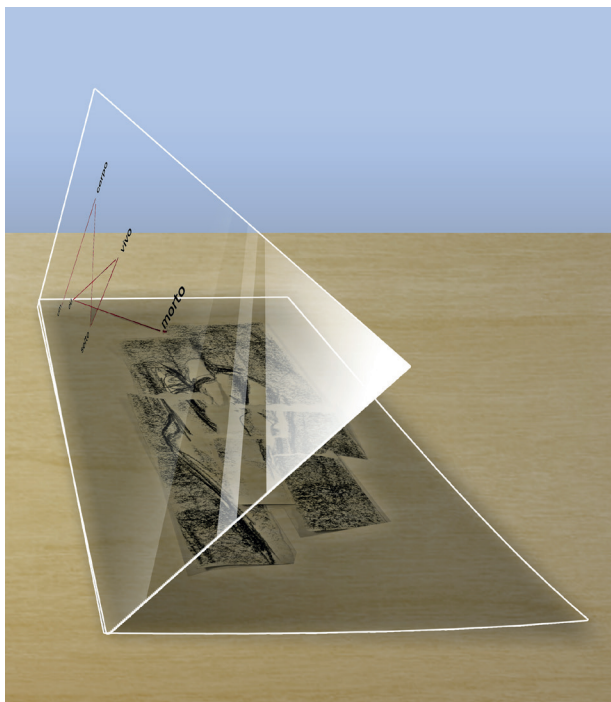


Fig.13: A Ave, 1956. Wladimir Dias Pino.

Fig.14: Projeto visual para exercício de "Narciso deslocado", 2021.



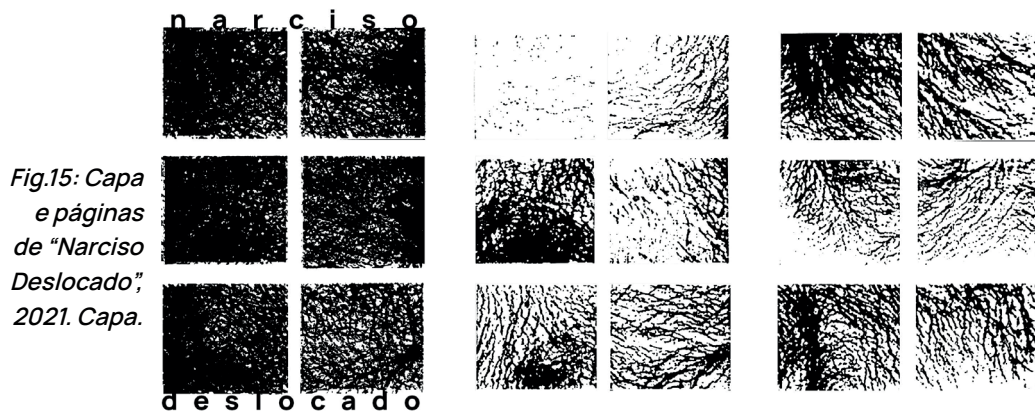
Diferente dos outros trabalhos dessa investigação, que – mais rápidos e intuitivos uns ou mais lentos e lapidados – outras tiveram sempre uma única versão – ainda que com variações e testagens internas –, “Narciso deslocado” passou por alguns diferentes formatos, gerou alguns trabalhos até encontrar seu caminho final. Também diferente dos outros casos, aqui eu já tinha o nome antes de começar os trabalhos efetivamente, sabia que trabalharia na relação com o “Narcisse” de Hudinilson, explorando ainda mais a abstração e somando em extensão no livro, procurava uma publicação que caminhasse lentamente na errância da imagem e do corpo; o nome “Narciso deslocado” fazia muito sentido para esse esboço mental que ainda não sabia como realizar.

Nos primeiros testes, utilizei da fotografia digital em alterações de embaçamento e reticulação para a fragmentação das imagens. Posteriormente, subintitulei esses exercícios de “Narciso deslocado: autorretrato” (Fig.11) e “Narciso deslocado: espelho” (Fig.12). Eles exploravam a seriação das imagens, principalmente “espelho”, próximo do que Groensteen chama de “efeito papel de parede” (2011). Ainda que me pareçam ter alguma força estética, acabei guardando esses exercícios (na íntegra nas páginas 26 e 30). Neles, os ruídos aos poucos cobriam a imagem a partir das retículas, fragmento que compõe a imagem, mas aqui crescem até dominar todo o espaço da página. Ainda faltava algo.

Um exercício posterior foi realizado durante a oficina de Sandra Correa Favero em setembro de 2021, intitulada “Livro de artista: um lugar”. O lugar que Sandra apresentava era o do fazer, a construção do livro totalmente calcado no registro de processo e mistura de procedimentos: desenho, rasgadura, colagem, costura. Realizei oito desenhos com carvão a partir das imagens de Hudinilson, recortei esses desenhos e os recompus sobrepondo parte das imagens. Ainda trabalhei sobre a forma dessas colagens a costura que formava caminhos, sempre em seis pontos, numa referência ao poema visual “A ave”, de Wladimir Dias-Pino (Fig.13); finalizei criando um pequeno

poema de seis palavras para cada uma das oito montagens. Caso fosse transformar o exercício em publicação, pretendia criar encartes em transparência de quatro páginas contendo a impressão do poema e costura na página um e a imagem do desenho-colagem na página três (Fig.14). Ainda que goste dessas imagens, principalmente dos desenhos-colagens (na íntegra na p.34), ainda não me satisfiz e também guardei o exercício.

Finalmente, após esses exercícios e outros esboços menores – todos essenciais para chegar na forma final – dei um passo para trás para repensar o que eu buscava efetivamente para esse trabalho. O que eu perseguia naquelas imagens que me perseguiram? Voltei à imagem de “Narcisse – gesto IV” e me debrucei sobre ela, retrabalhando seus fragmentos, espaçando-os em várias páginas a partir de um novo leiaute. Na obra original, a organização dos fragmentos é uma grade de 4x8 quadros, com um quadro deslocado para uma nona linha que só contém de fato o segundo quadro (o fragmento deslocado da imagem). Desloquei essas imagens para seis páginas com grades de 2x3 quadros, contendo toda a obra de Hudnilson – seus 32 fragmentos mais os quatro espaços vazios que ele agrupa. Assim o mural de Hudnilson, que tensiona figuração e abstração, transforma-se em uma pequena publicação abstrata de seis páginas. Aqui realizo literalmente o “Narciso deslocado” (Fig.15). Ainda pretendo transformar esse exercício em zine, mas por enquanto ele continua não publicado (na íntegra na p.36). O mais importante, esse exercício finalmente apontou para o caminho do trabalho que eu buscava.



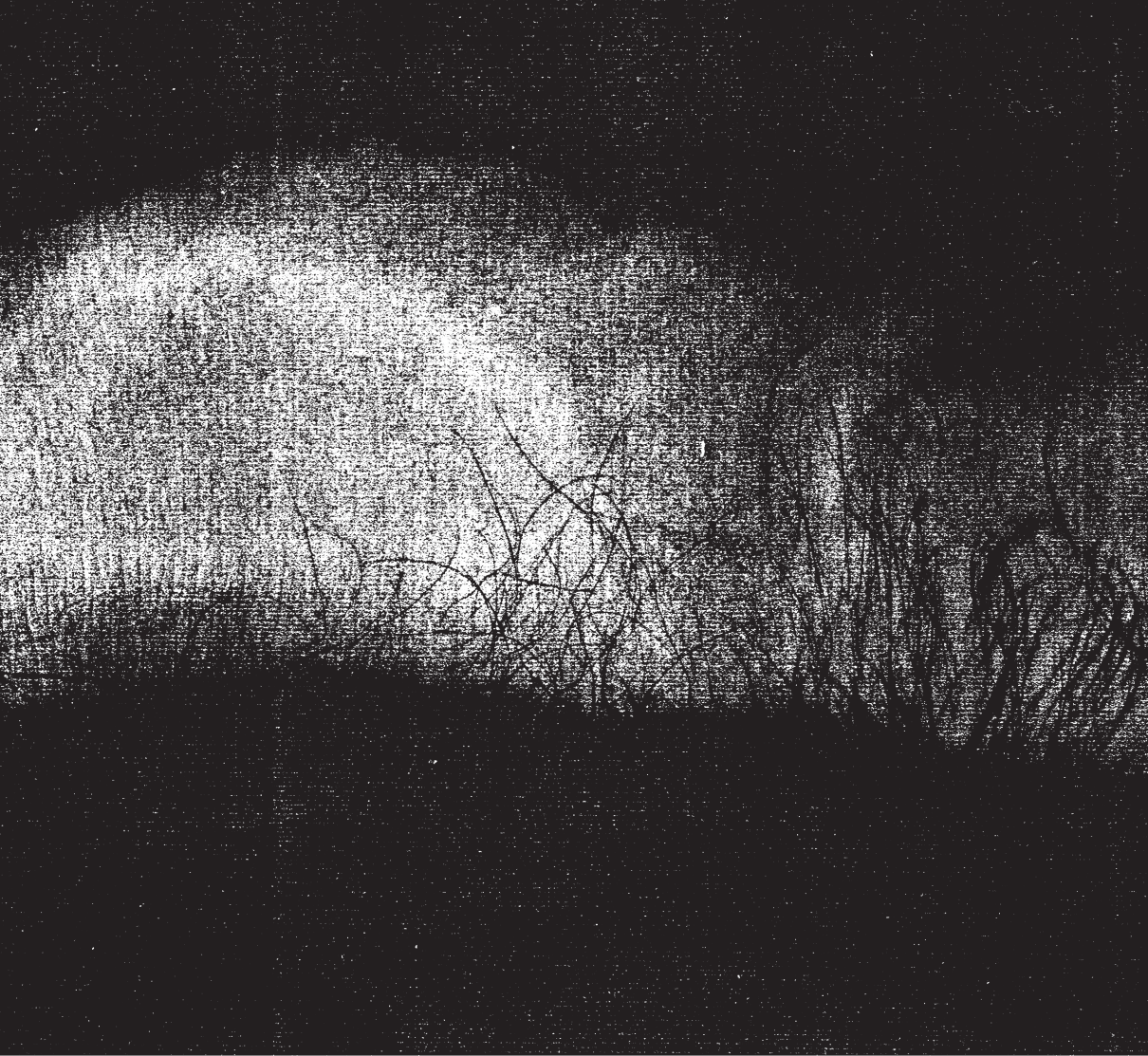
1.4. DESLOCANDO O CORPO: CAMINHANDO

Dedos meus a tocar-te devagar
 Tão devagar que dê pra divagar
 Dedos enxergam no escuro
 Quero fazer teu retrato
 E no retrato cada pelo detalhado!
 (Tom Zé)

Entendi o óbvio, alguns elementos da obra de Hudinilson deveriam estar mais presentes no trabalho: a relação corpo/máquina para copiar/xerocar o corpo e encontrar formas, torções e texturas da luz no corpo; esse deveria ser o ponto de partida. Além disso, a fragmentação e a ampliação ajudariam a tornar esse trabalho uma cartografia do corpo, das texturas, dobras e entradas do campo do corpo – privilegiar “os poros, a textura, os fios de cabelo e as reentrâncias”. Essa foi uma decisão que posteriormente me pareceu óbvia, mas da qual eu fugia na tentativa de me afastar do trabalho de Hudinilson.

Ao aceitar esse movimento e me aproximar ainda mais, assumindo essa relação de encantamento pelo trabalho, os processos se tornaram mais fluidos. Apresentaria uma reconstrução do corpo enquanto errância “(...) que finca a experiência não mais como mastro ou marco de um sujeito, mas ao contrário, como deriva, experimentação, espécie de sonambulismo ou presença a-subjetiva.” (Kiffer & Rezende, 2012, p.9).

Xeroquei várias partes e posições do meu corpo, dos pés à cabeça – em um escâner caseiro –, em seguida escaneei todas as imagens em alta resolução (600dpi), possibilitando grande ampliação. Tomei a decisão de dar bastante liberdade para o processo de montagem em sua composição de leiaute, então realizei esse trabalho digitalmente, no photoshop. De posse das imagens, ordenadas dos pés à cabeça, já tratadas em alto contraste de preto e branco (Fig.17), passei a recortar e montar as páginas. Cada fragmento que eu considerava interessante por conta de alguma



forma ou marca era colado no espaço digital da página e solicitava um próximo. Esse trabalho de influência entre uma forma e outra guiou o processo de composição das páginas em um “perambular sem volta, sem ‘roteiro’” (Kiffer & Rezende, 2012, p.10).

Um dos aspectos mais interessantes nesse processo é o prazer da montagem (Fig.16), o prazer de ver pulsar um fragmento ao ser colocado do lado do outro, deixar uma forma escapar (sangrar) da página e procurar uma resposta no próximo quadro ou página, encontrar rimas, ritmos e climas. Os fragmentos de imagem, assim deslocados, tornam-se abstrações com uma intensidade muito aproximada das paisagens. São campos e campos, dobras, fechamentos, passagens, caminhos que se formam na paisagem da pele, dos pelos, marcas e volumes.

Foi para mim um exercício de lentidão, de respiro, impossível não relacionar com o momento de ansiedade do corpo já no terceiro ou quarto semestre de pandemia. Foi bastante reconfortante poder me voltar para um exercício de desaceleração, um elogio míope à pele e à luz, mudar o ritmo do corpo e do pensamento. Perambulei pela imagem do meu próprio corpo, como que olhando para o chão de uma errância despreocupada, uma errância que procura pequenezas, que desenha seu deslocamento topográfico sem interesse com o destino.

O ser pensativo, ou pensivo, não está pensativo o tempo todo, mas contém em si muitos pensamentos, da mesma forma, encontro paralelos com essas imagens.

Fig.16: “Página de Narciso deslocado: informe”, 2021.

Fig.17: Alguns xerox utilizados em “Narciso deslocado”, 2021.



A imagem pensiva (...) pode conter 'pensamentos não pensados' que não são necessariamente resultado de uma intenção do autor da imagem, mas que têm um efeito sobre a pessoa que olha para ela sem necessária referência a um objeto designado (SCHØLLHAMMER, 2014, p.121)

Corpo-paisagem que se desdobra em um fragmento-continuidade, essa HQ soa para mim como uma grande imagem pensiva – uma quadrinhização pensiva – e seu silêncio também ajuda nesse efeito. O seu processo foi silencioso, não sem sons, mas sem palavras, acompanhado por músicas ambiente, longas e cíclicas, concentrado no processo de montagem. Ao que me parece, esse contexto está espelhado na HQ, que não tem muitos indícios sequenciais para uma significação narrativa, para uma interpretação explicativa.

O pensivo é, assim, a resistência à interpretação que se remete ao regime estético e principalmente evoca uma nova função da 'figura'. (...) a figura não é uma simples substituição; opera num entrelaçamento entre dois regimes de expressão diferentes, o representativo e o ético, sem estabelecer nenhuma relação clara entre os dois e sem homogeneizá-los (SCHØLLHAMMER, 2014, p.123)

Uma saída ao encontro de novas figuras, novos entrelaçamentos expressivos, “Narciso deslocado: informe” recebeu esse subtítulo por seu desejo que aparenta valorizar a falta de forma, não como um nada, mas como uma potência, um devir intenso. A vontade de explorar os detalhes do corpo e suas falhas como entradas potentes criou um objeto que entre si e, ao que me parece e espero, apresenta contato predisposto, encontros desejosos, mas não preestabelecidos. É o que Franco Berardi difere entre a 'conexão' hegemônica na nossa contemporaneidade e a 'conjunção'. Enquanto a primeira é imediata, veloz, sem ruídos, a outra é tensa e dúbia. A conexão segue a lógica da compatibilidade e exatidão, enquanto a conjunção tem sobras, questionamento “desarranjo de

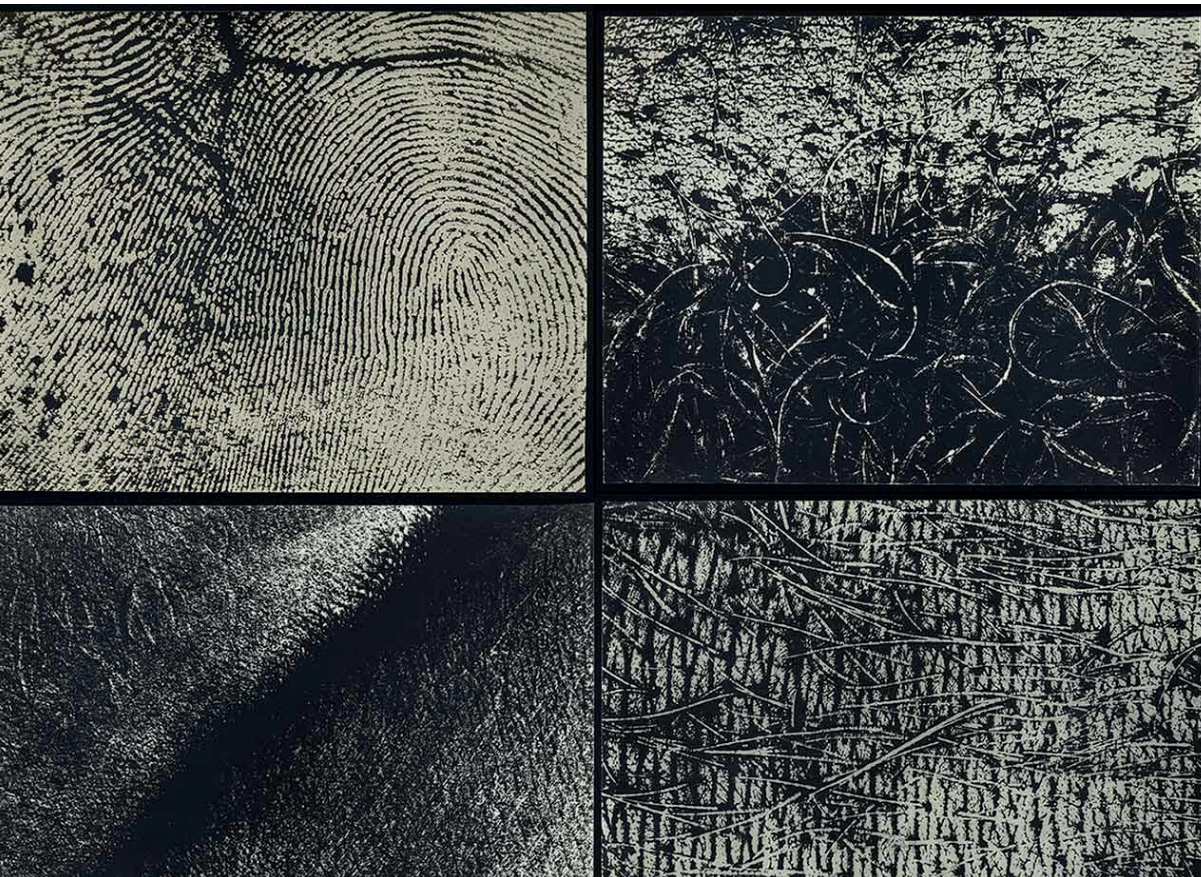


Fig.18: "Narciso deslocado: informe",
2021.

consistência, a reapresentação do horizonte de possibilidades” (BERARDI, 2020, p.50).

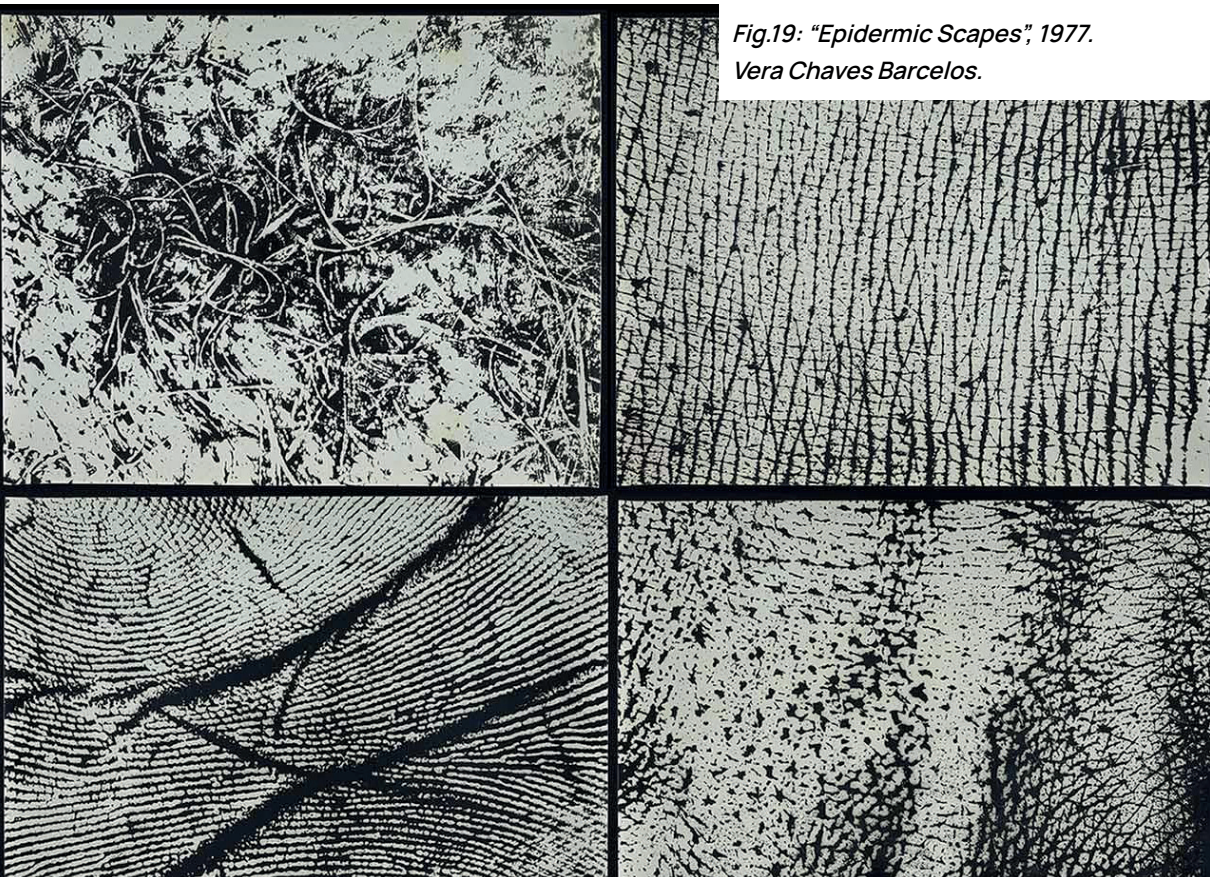
Essas diferenças opõem relações pré-estabelecidas e desviantes, relações velozes que mantêm suas partes inalteradas, sempre um mesmo, e outras lentas, com sobras, que exatamente por seu encaixe imperfeito necessita de caminhada, adaptação e mudança, portanto abertura ao outro. Deparei-me com essas trocas cheias de excesso e reflexividade afetiva no processo desse trabalho, ao ponto, por exemplo, de olhar um objeto que partiu tão diretamente de outro – “Narcisse – Gesto IV” – e de alguma forma chegar em um resultado em que transbordam os sentidos, colocando “Narciso deslocado: informe” também em contato intenso com outros trabalhos, como “Epidermic Scapes”, 1977, de Vera Chaves Barcellos.

Não resisti à tentação de usar o termo “Epidermic Scapes”, que diz tudo o que quero sobre esse



trabalho. São paisagens epidérmicas e também uma escapada de toda uma problemática interna, de símbolos e projeções, de qualquer espécie de sofrimento ou subjetivismo. É um trabalho de superfície, ao nível da epiderme. A cada centímetro de cada corpo humano essas paisagens são diferenciadas. Fica, portanto, aberta a proposta para uma documentação, para sempre renovável, dos grafismos do corpo.” (BARCELLOS, 1977, in: SOULAGES, 2009, p.135)

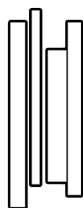
O resultado visual de “Narciso deslocado: informe” é bastante próximo ao de “Epidermic Scapes”, e é essa, ao que me parece, uma evidência dessa “conjuntividade” dos processos, que permitam obras desejosas de diálogos e contatos com um outro, que invistam no abandono das medidas e saiam para respirar.



*Fig.19: “Epidermic Scapes”, 1977.
Vera Chaves Barcelos.*



Fig.20: Registros da caixa "A Zero" de publicações de artista, 2021.



1.5. CAIXAS, FANTASIAS E PAREDES

A edição final de “Narciso deslocado: informe” tem o formato de 21X29,5cm, 28 páginas, encadernação canoa e foi impressa em papel Pólen bold 90g, em preto e branco. A publicação foi realizada pela editora Medusa em uma caixa com mais de trinta publicações dos participantes da residência.

Pelas limitações de formato previstas na residência, a versão final de “Narciso deslocado: informe” é menor do que o planejado. Ainda pretendo continuar a perambulação pelas imagens na tentativa de uma edição maior que, caso venha a existir, deverá se chamar “Narciso deslocado: passagens”. Espero que ela venha a se formar e não se torne uma irmã de “Anti-Narciso”, de Viveiro de Castro, uma obra planejada, mas nunca realizada. O autor trata sua não realização como um fato, diferente de mim, mas imaginando essa possibilidade, realizei um exercício de apropriação bastante desconjuntada da introdução de Metafísicas canibais, 2018 (Fig.24) utilizando do movimento de deslocamento de campo feito pelo autor e aproximando sua argumentação dos meus processos.

Voltando dos exercícios mentais para a produção concreta, além da publicação da caixa, a editora Medusa completou o trabalho dessa edição da residência com uma exposição. Além de levar os livros para a parede, também deixou aberto o espaço para que os artistas residentes expusessem desdobramentos do trabalho, caso desejassem. Imerso nas imagens xerocadas do corpo resolvi levar a ação do movimento na máquina copiadora em outro formato, criando um díptico de pôsteres (Fig.26). Ainda que, pelo espaço dividido com



dezenas de autores, apenas um dos pôsteres tenha sido exposto, o díptico apresenta um movimento de aparição de ação, rastro e marca da presença do corpo na máquina. A ação, simples, é de uma lambida na luz, acompanhando a luz do escâner e marcando a trajetória do movimento. Esse trabalho fecha o processo – ao menos nesse primeiro momento – em um retorno às ações de Hudinilson Jr. na relação com a máquina, mas implicado no meu processo de pensar as imagens e as histórias em quadrinhos em seus deslocamentos livres. O díptico “Narciso Deslocado” é a marcação do movimento, como essa investigação é uma tentativa de mapear/registrar os territórios criados pelo movimento cartográfico.

*Fig.21: Registros da
exposição “A Zero”,
aberta em 11 de
novembro de 2021.*

1.5.1. Uma notável reviravolta: ficção de apropriação.

Certo dia, formei o designio e esbocei o desenho de um livro que, de algum modo, prestasse uma homenagem a Hudnilson Jr., mas também a Gilles Deleuze e a Félix Guattari do ponto de vista de minha própria disciplina. Ele deveria se chamar Narciso Deslocado, pois não completamente desorganizado para ser um “Anti-Narciso”, seria a história em quadrinhos como poética menor. Seu propósito seria caracterizar as tensões conceituais que atravessam e dinamizam a HQ contemporânea. O projeto flertava com a contradição, uma vez que o menor descuido retórico de minha parte poderia transformá-lo em mais uma clássica enfiada de bravatas nada anti-narcísicas”, afinal, assim como Hudnilson Jr, partiria de meu próprio corpo, mesmo que buscasse um outro.

Foi então que decidi promover esse livro à categoria das obras imaginárias, ou melhor, invisíveis, aquelas das quais Borges foi o melhor comentador, e que costumam ser muito mais interessantes que os usuais livros visíveis, como podemos constatar ao ler as resenhas escritas por esse grande leitor cego. Assim, em vez de fazer o livro, achei mais oportuno escrever sobre tal livro, como se outros o tivessem produzido. Narciso Deslocado: Informe é então (...) uma sinopse, quase que como um press-release, desse outro livro, o Narciso deslocado, que, por ser tão insistentemente imaginado, acabou nunca existindo.

Narciso Deslocado: A história em quadrinhos está pronta para assumir integralmente sua verdadeira missão, a de ser a teoria-prática da descolonização permanente do pensamento. (...) Uma verdadeira história em quadrinhos, ‘devolve-nos uma imagem de nós mesmos na qual não nos reconhecemos’, pois o que toda experiência de uma outra cultura, e linguagem, nos oferece é a ocasião para se fazer uma experiência sobre nossa própria cultura e linguagem; muito mais do que uma variação imaginária (...) é a própria forma, (...), a estrutura da nossa imaginação conceitual que deve entrar em regime de variação, assumir-se como variante, versão, transformação.

O objeto dessa história em quadrinhos a coproduz e suscita conceitos, sua teoria, é pensamento desvelador da sociedade e da cultura. Negá-lo significa aceitar um construtivismo de mão única que, sob pena da autoimplosão, é forçado a desembocar na mesquinhez narrativa usual. Na negação dessas experiências, Nunca se sabe se estamos testemunhando mais um acesso de desespero cognitivo diante da inacessibilidade da coisa-em-si, ou mais uma manifestação da velha taumaturgia iluminista em que o autor-crítico encarna a razão universal chegada para dispersar as trevas da superstição.

A história em quadrinhos deve permanecer ao ar livre, no “grand

dehors” que é seu elemento natural- cultural, melhor dizendo. (...) ela deve se manter fiel ao projeto de exteriorização e estranhamento da razão que sempre a empurrou insistentemente, muitas vezes à sua própria revelia, para fora da alcova do Mesmo. Estar ao ar livre, em seu campo expandido, e não fechada em um sistema hermético, regido pelas tradições. Isso implica também a saída do sistema de maneira não restritamente autocentrada. “A viabilidade de uma autêntica endo-história-em-quadrinhos, uma história em quadrinhos “de nós mesmos”, aspiração que está hoje na ordem do dia (...) depende (...) crucialmente da ventilação teórica favorecida desde sempre pela exo-história-em-quadrinhos, uma poética “de campo” no sentido que realmente interessa.

O objetivo de Narciso Deslocado, portanto, (...) a práticas de conhecimento (...), de esboçar uma descrição performativa das transformações, mostrar que os estilos de pensamento praticados (...) são a força motriz. Uma consideração aprofundada desses estilos e de suas implicações (...) deve ser capaz de mostrar sua importância na sua gênese, ora em curso, de toda uma outra concepção da prática da história em quadrinhos. Uma nova história em quadrinhos conceitual que contraefetue um novo conceito de história em quadrinhos, enquanto pensamento quadrinhístico e quadrinhizante. Aceitar a oportunidade e a relevância desta tarefa de “pensar autrement” (Foucault) o pensamento - de pensar - e quadrinhizar - “outramente”, pensar outra mente, pensar com outras mentes - é comprometer-se com o projeto de elaboração de uma história em quadrinhos da imaginação conceitual, sensível à criatividade e reflexividade inerentes à vida de todo coletivo, humano e não-humano.

A intenção deste trabalho é prospectiva antes que nostálgica. Ele aspira redespertar alguns possíveis, entrever algumas saídas que permitam à nossa constelação das HQs imaginar para si mesma, enquanto projeto poético, um desenlace outro que – sejamos ligeiramente dramáticos – a morte por asfixia.





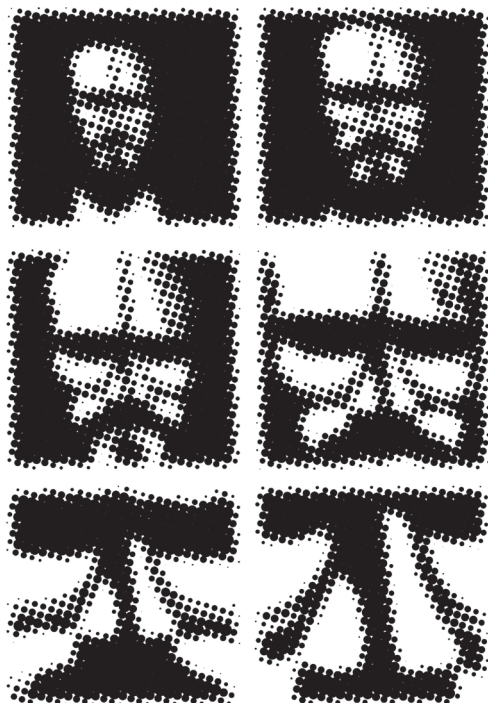
*Fig.22: "Narciso
deslocado", diptico,
2021.*

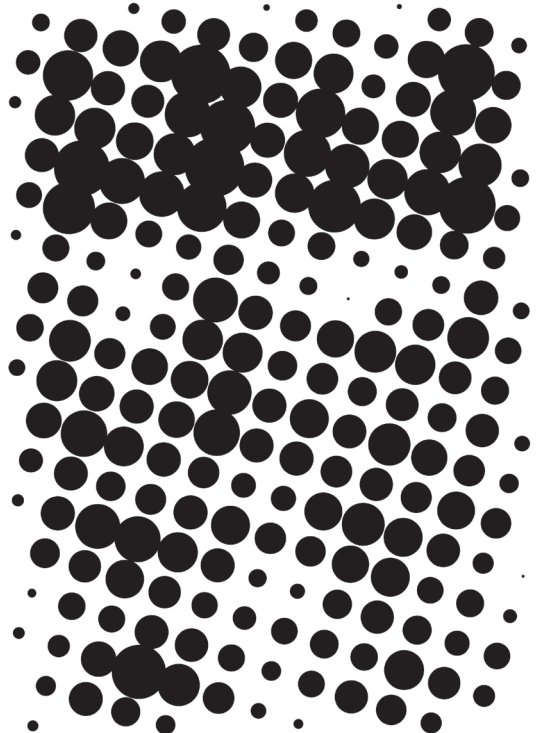
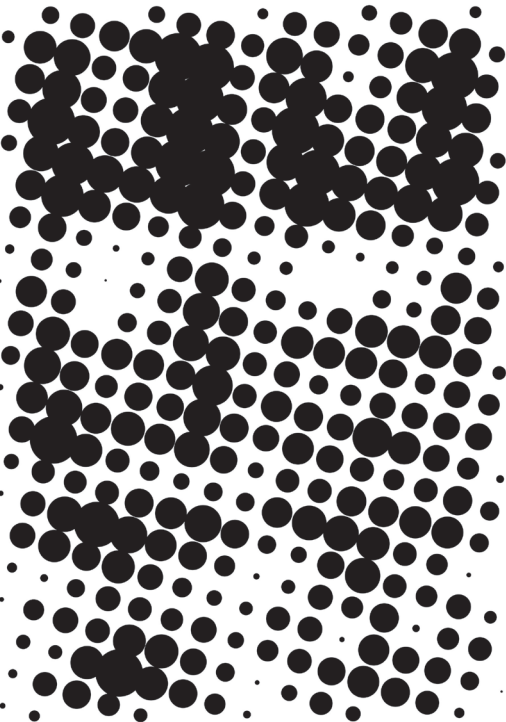
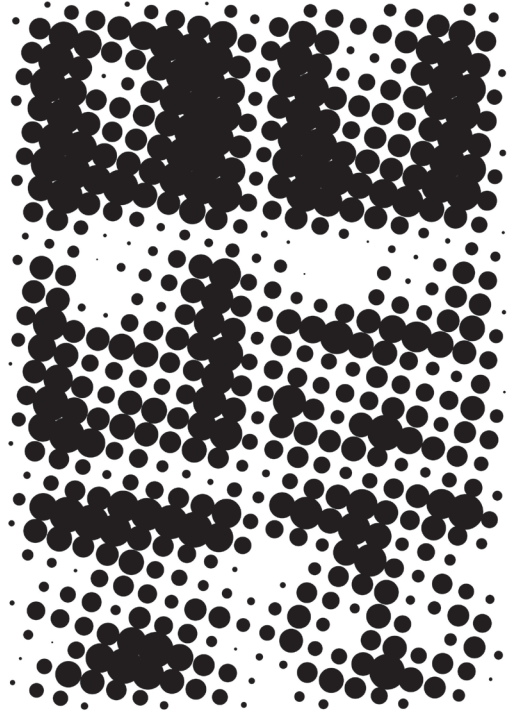
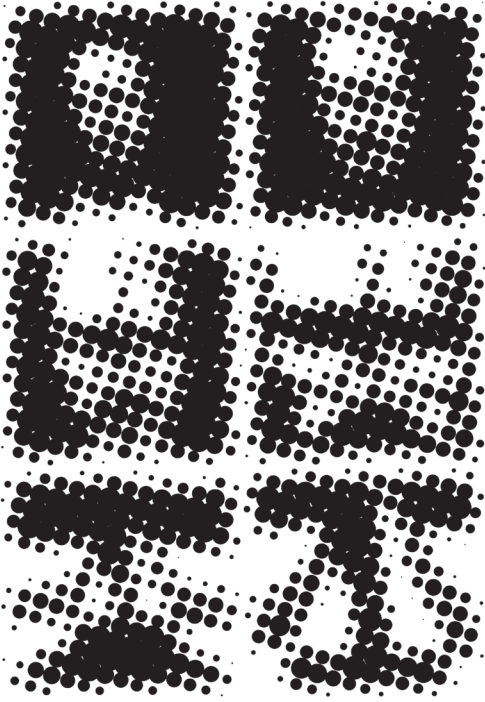
1.6. OS VÁRIOS NARCISOS



“Narciso deslocado: autorretrato”, primeiro exercício de desconstrução da imagem do artista.

Projeto para publicação de seis páginas.







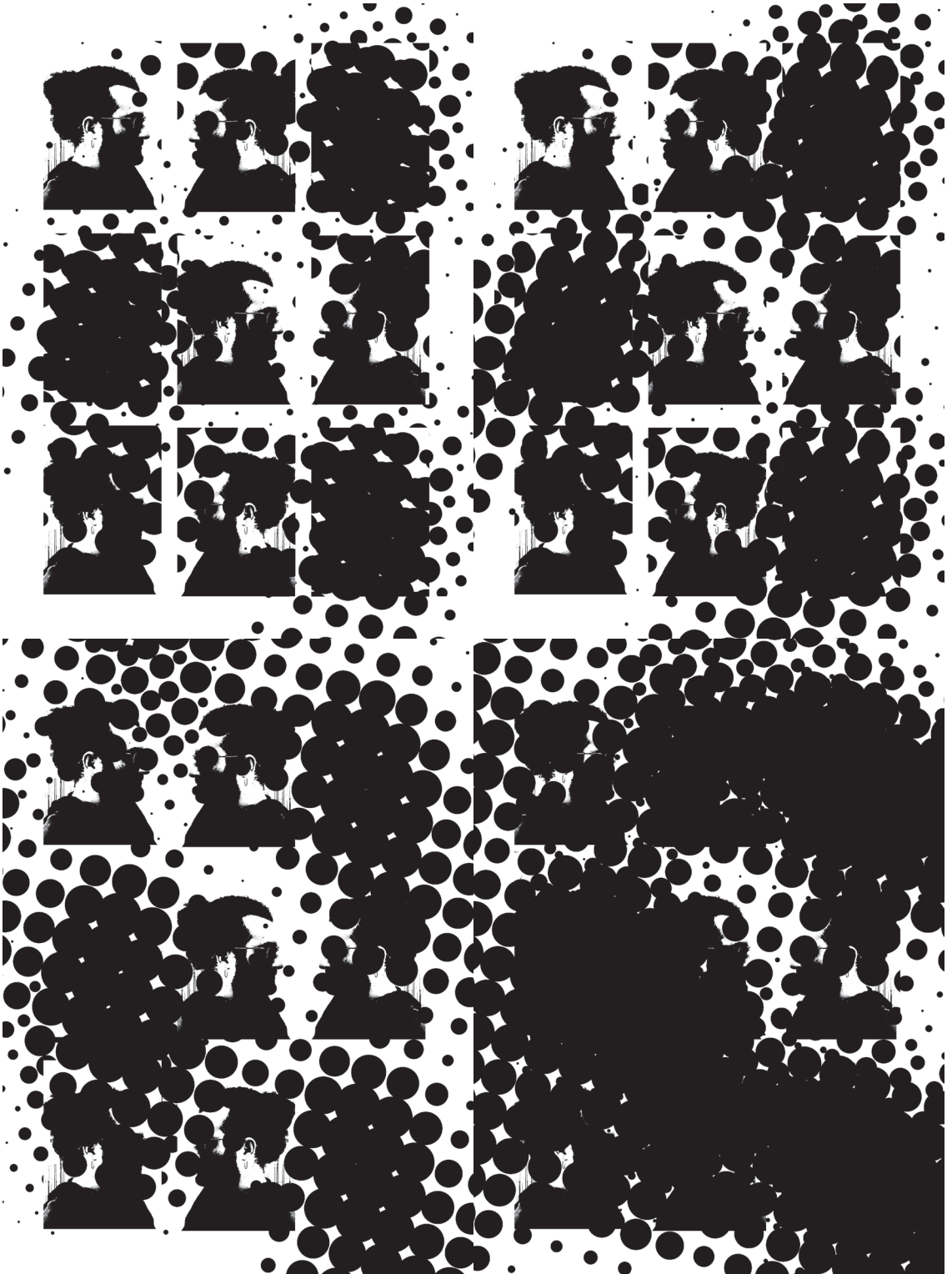
“Narciso deslocado: espelho”,
segundo exercício de
desconstrução da imagem do
artista.

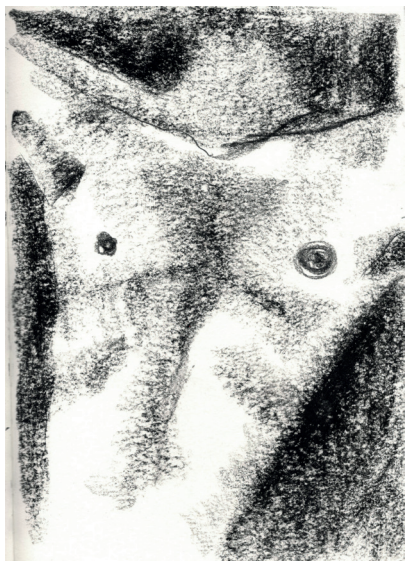
Projeto de publicação de 14
páginas.

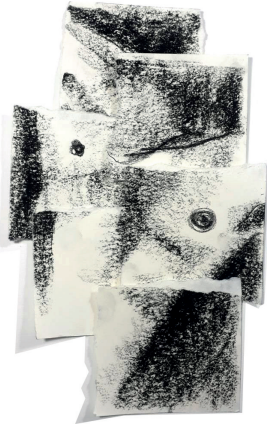
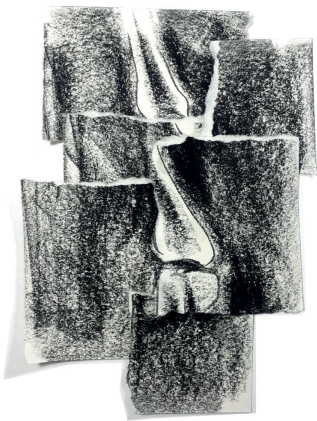




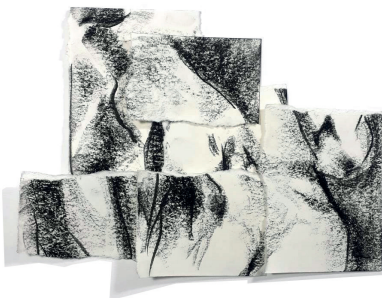


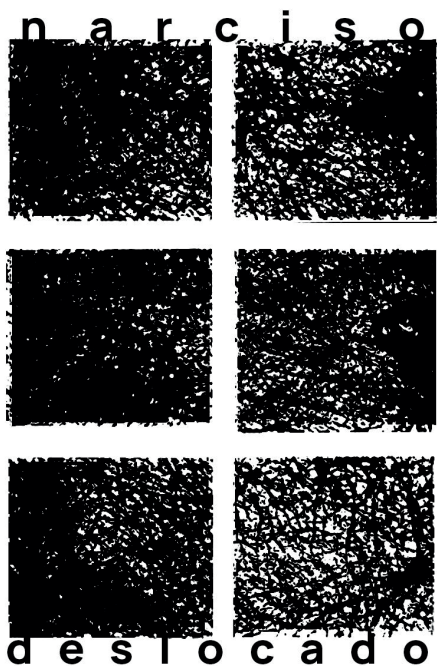






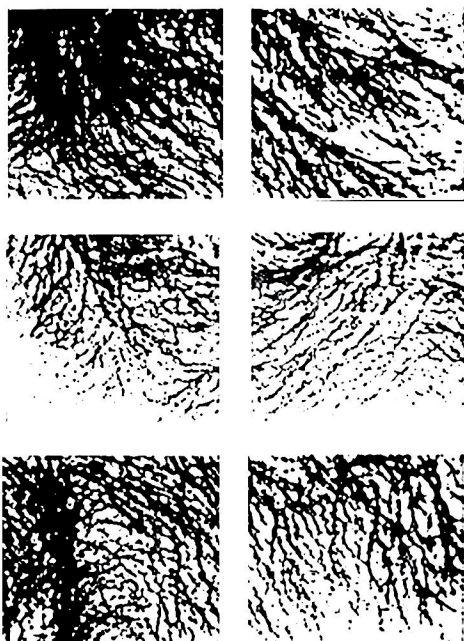
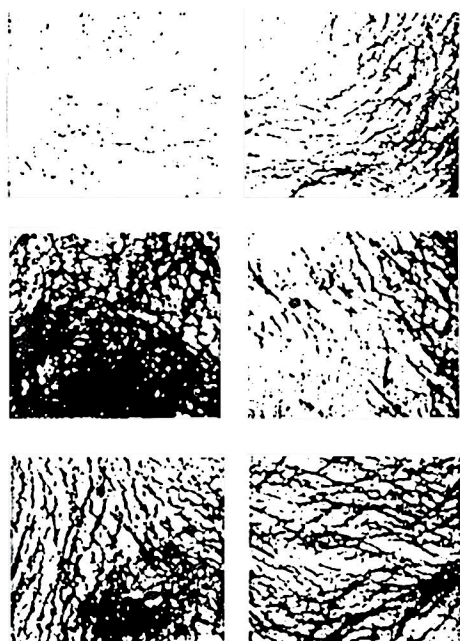
Exercícios de
desenho e montagem
a partir de obras de
Hudinilson Jr.

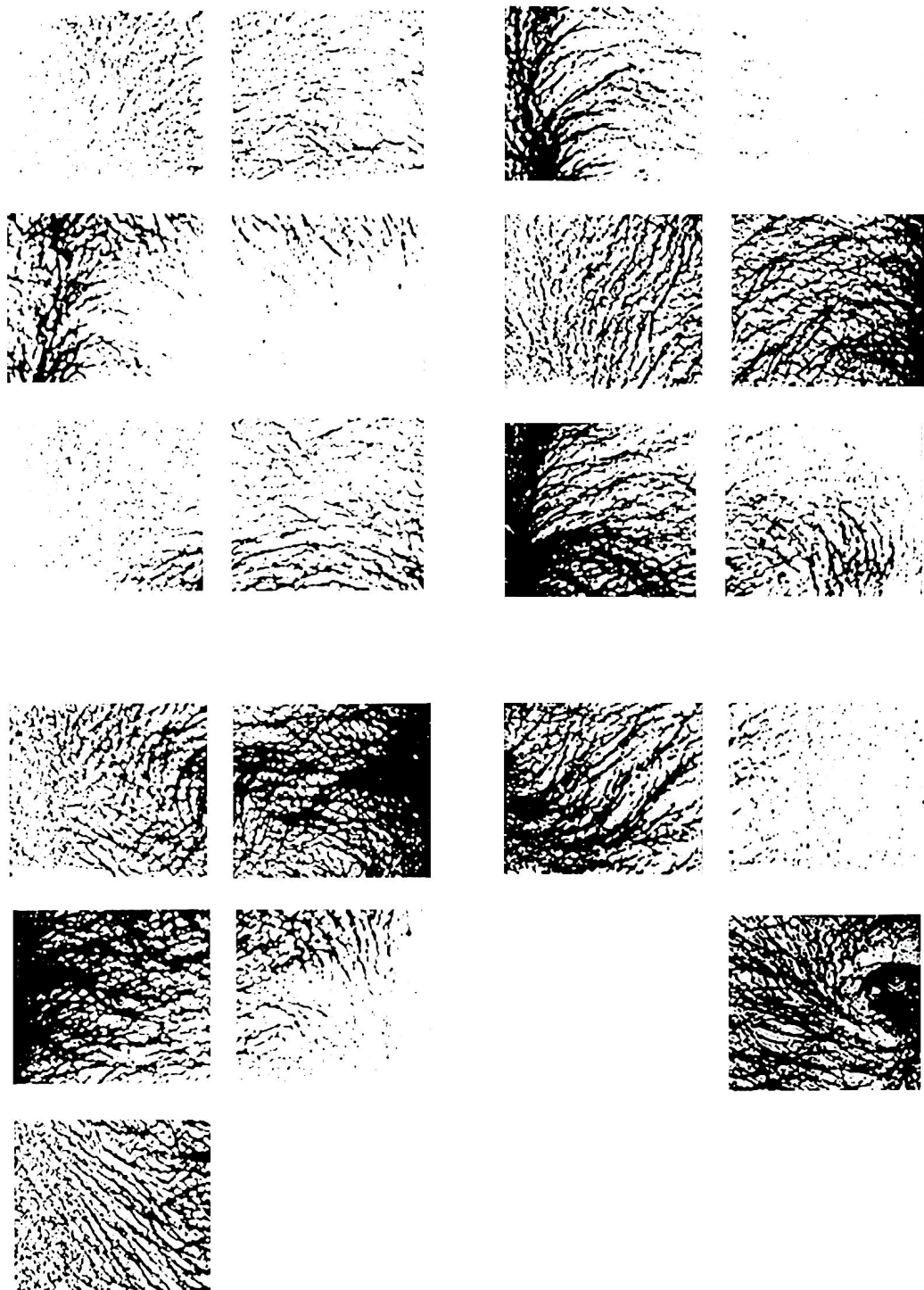




"Narciso deslocado", quarto exercício de deslocamento das imagens de "Narcisse - Gesto IV", de Hudinilson Jr.

Projeto para publicação de seis páginas.





NOTAS

¹ . “(...) a tool for artistic reflection, for interactive projects, for notation, planification and so on. As a mode, it lends itself to purposes beyond fiction or documentary.” (CONARD, 2020, p.13).

REFERÊNCIAS

BERARDI, Franco. *Asfixia*: capitalismo financeirizado e a insurreição da linguagem. Trad: Humberto do Amaral. São Paulo: UBU Editora, 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. *Metafísicas canibais*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

CONARD, Sebastien. Post**Comics. in: CONARD, S.(org.). *Post-comics: Beyond comics, illustration and graphic novel*. Ghent: KASK School of Arts & Het Balanseer, 2020. 45-62.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos*: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Trad: Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014

GROENSTEEN, Thierry. *Bande Dessinée et narration: Systeme de la Bande Dessinée 2*. Paris: PUF, 2011.

KIFFER, Ana & REZENDE, Renato. *Experiência e Arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2012.

RESENDE, Ricardo. *Posição Amorosa*: Hudnilson Jr.1a ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

RIBEIRO, José Augusto (curadoria). *Vanguardas brasileiras dos anos 1960* - coleção Roger Wright. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2017.

SCHØLLHAMMER, Karl. Vida e morte da imagem. in: KIFFER, Ana & GARRAMUÑO, Florencia (orgs). *Expansões contemporâneas*: literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014.

SOULAGES, François. *Vera Chaves Barcellos*: obras incompletas. Porto Alegre: Zouk, 2009.

LISTA DE FIGURAS

Fig.1: “Fragmentação”, 1980. Hudinilson Jr. RESENDE, Ricardo. Posição Amorosa: Hudinilson Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Fig.2: “Exercício de me ver IV”, 1981. Hudinilson Jr. RESENDE, Ricardo. Posição Amorosa: Hudinilson Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Fig.3: “Espelhe-me”, s/d. Hudinilson Jr. RESENDE, Ricardo. Posição Amorosa: Hudinilson Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Fig.4: “Narcisse - Gest III”, 1986. Hudinilson Jr. RESENDE, Ricardo. Posição Amorosa: Hudinilson Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

Fig.5: “A viagem”, 1966. Ana Maria Maiolino. Disponível em: <https://www.pinterest.it/pin/391602130085915941/> . Acesso: 21/02/2022.

Fig.6: “American Death: Bamboo!”, 1967. Antonio Dias. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2018/anais/pdfs/03%20Fernanda%20Lopes%20Torres.pdf> . Acesso: 21/02/2022.

Fig.7: “Gibi”, 1971. Raymundo Colares. Disponível em: <https://www.blomboleiloes.com.br/peca.asp?ID=7827&ctd=67> Acesso: 21/02/2022.

Fig.8: “Zé Carioca n4, A volta de Zé Carioca (1960)”, 2004. Rivane Neuenschwander. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/94491> . Acesso: 21/02/2022.

Fig.9: “SPUK”, 2004. Niklaus Ruegg. Disponível em: <http://www.nikla.us/Edition-SPUK> . Acesso: 21/02/2022.

Fig.10: “Espelho Invertido”, 1979. Mario Ramiro. Disponível em: <https://www.zippergaleria.com.br/exhibitions/55-improvavel-mario-ramiro/works/> . Acesso: 21/02/2022.

Fig.11: “Narciso Deslocado: autorretrato”, 2021. Capa. Arquivo pessoal.

Fig.12: “Narciso Deslocado: espelho”, 2021. Capa. Arquivo pessoal.

Fig.13: A Ave, 1956. Wladimir Dias Pino. Página do livro-poema. Disponível em: <http://bienaldecuritiba.com.br/2019/artista/wladimir-dias-pino/> . Acesso: 20/02/2022.

Fig.14: Projeto visual para exercício de “Narciso deslocado”, 2021. Arquivo pessoal.

Fig.15: Capa e páginas de “Narciso Deslocado”, 2021. Capa. Arquivo pessoal.

Fig.16: Página de “Narciso deslocado: informe”, 2021. Arquivo pessoal.

Fig.17: Alguns xerox utilizados em “Narciso deslocado”, 2021. Arquivo

pessoal.

Fig.18: “Narciso deslocado: informe”, 2021. Arquivo pessoal.

Fig.19: “Epidermic Scares”, 1977. Vera Chaves Barcelos. Disponível em: <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/epidermic-scares>. Acesso: 21/02/202

Fig.20: Registros da caixa “A Zero” de publicações de artista, 2021. Fotografias: Guadalupe Presas.

Fig.21: Registros da exposição “A Zero”, aberta em 11 de novembro de 2021. Fotografias: Guadalupe Presas.

Fig.22: “Narciso deslocado”, díptico, 2021. Arquivo pessoal.

